



Anotações sobre o corpo-linguagem¹

Tatyane Cruz Tieri²

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mapear conceitualmente a noção de Corpo, atrelado ao universo da Comunicação e Linguagem. Para tanto, recorremos a uma pesquisa bibliográfica dialogal que comporta autores como Charles Sanders Peirce, Giorgio Agamben, Christine Greiner, Gilles Deleuze e Félix Guattari, entre outros. Mais do que uma reflexão conceitual, intento traçar um mapa de pensamentos convergentes que apontam para o mesmo ponto de chegada: o corpo-linguagem.

Palavras-chave: corpo; linguagem; corpo-linguagem.

O presente artigo é produto de uma pesquisa mais ampla do meu Projeto de Conclusão de Curso – PGE Experimental, com o título, ainda hipotético, de “Ensaio sobre o Corpo e a Memória”, no curso de Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Propaganda e Marketing, cuja conclusão se dará no segundo semestre de 2016.

A história é feita de corpos. Corpos que se movimentam, se comunicam. Corpos que dançam e, dançando, trazem sentidos ao mundo, uma vez que o nosso estar nele é intermediado por uma diversificada e emaranhada rede de linguagem – gama intrincada de formas sociais de comunicação e significação.

É no homem e pelo homem que o processo de modificação dos estímulos emanados pelos objetos ao nosso exterior que em signos e linguagem ocorre: somos “seres de linguagem” (SANTAELLA, 2012, p.14).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 9 – comunicação, discursos da diferença e biopolíticas do consumo - do 2º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado dia 14 de outubro de 2016.

² Aluna graduanda em Publicidade e Propaganda pela ESPM e bailarina. E-mail: tatyane tieri@gmail.com.



Somos corpos que se constroem no espaço e tempo por meio da linguagem. E para essa construção é necessário *perceber*, pois é apenas por meio da percepção que temos acesso sensível ao mundo. Cria-se uma camada sígnica que envolve o mundo e possibilita a nossa compreensão dele, mas, mesmo que o transformemos e o programemos, nunca teremos contato direto, sem intermédio de signos, para com ele.

O mundo nos vêem como fenômeno, pois está presente à mente, e é traduzido em linguagem gerando uma experiência, que, segundo Charles Sanders Peirce, é resultante de nossa vida passada, ou seja, aquela que passou, aconteceu.

Falamos aqui de algo que em algum momento foi presente, um *agora*, que encarnou em um estado de coisas, mas nesse novo instante, nesse novo presente é o passado de um estado anterior. No entanto, evoca-o em um novo estado, em um novo presente e cabe à memória realizar esse movimento; movimento de *presentificação*. A experiência não apenas produz memória, mas também se utiliza da memória para que possamos perceber o mundo e assim ressignificá-lo em linguagem; sistemas vivos que se reproduzem, se adequam, se modificam e se regeneram, que nos possibilitam viver.

Configuramo-nos a partir da resultante de contínuas negociações com o mundo que nos cerca por meio dos estímulos que a nós são oferecidos, percebidos, internalizados e ressignificados em linguagem que nos modifica e modifica aquilo que afetamos. Somos corpos vividos, corpos que narram as suas experiências. Um corpo produz sentidos, mas também é ele mesmo signo.

De um gesto, por exemplo, emerge um sentido. Segundo Giorgio Agamben (2000), citado por Christine Greiner no artigo *O corpo e suas paisagens de risco: dança/performance no Brasil*, um gesto é a exibição destas mediações entre um corpo e o meio, ou seja, dos processos de tornar um sentido visível como tal. Não se trata de um significado pronto, mas sim de algo que está em formação, pois se transforma.

Um gesto apenas passa a ter um sentido ao afetar uma mente. Torna-se signo e, por ser signo, registra algo que não é ele próprio;

intenta representar, em parte (pelo menos), um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo



represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação, da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediada é o objeto, pode ser chamada de interpretante (CHARLES PEIRCE 6.347 apud SANTAELLA, 2012, p. 81).

Assim, corpo não somente produz linguagem, mas é ele próprio linguagem. É a partir do entendimento de um corpo-linguagem que realizaremos as experimentações que concluíram este Projeto. Buscaremos ir ao encontro de nosso Corpo sem Órgãos, conceito que será tratado mais à frente.

A pesquisadora Thereza Rocha, em mais um dos livros da coleção *Seminários da Dança– Criação, Ética, Pa..ra..rá.. Pa..ra..rá Modos de Criação, Processos que Desaguam em uma Reflexão Ética* – cita Sousa Filho a fim de discorrer sobre o verbo “experimental”:

esvaziar-se, perder-se de si, perder os seus conceitos anteriores, pensar seu próprio pensamento, suspender suas próprias crenças, relativizar o que se sabe, relativização de si mesmo, das formas das verdades aceitas, das hegemonias do mundo – êxtase de uma descoberta (FILHO, 2011, p.9 apud INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA Org., 2012, p.126).

Queremos *errar* no sentido de fugir de nós mesmos, descaracterizarmo-nos de nossos sujeitos, vaguear sem destino certo, desterritorializarmo-nos, problematizarmo-nos, para encontrar o corpo em sua pluralidade, estabelecendo outras relações com a realidade e potencializando o seu modo de existir.

Essa multiplicidade aparece com um sentido rizomático, já que, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari,

um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais. Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade linguística homogênea (2 v., 1995, p.15 – 16).



Um artista está num constante ensaio, até mesmo o momento da apresentação, em que o artista se oferece ao olhar do outro, é um ensaio, pois não se trata de um final, de algo que está pronto, mas sim de mais um fio que foi tecido à renda que é o mundo. Ali, ele pode errar, experimentar e criar sentidos.

Para entender o corpo do qual falamos recorreremos a uma construção e desconstrução da noção de corpo ao longo da história. Como pilar dessa retomada cronológica temos o livro “O Corpo” de Christine Greiner.

Tenha em mente que o processo de constituição da ideia corpo não foi sequencial, ele avança, mas perde a estabilidade, o tempo todo, o passado o modifica e traz futuras possibilidades. Por isso, antes mesmo de trabalhar o corpo como linguagem e, por assim dizer, observá-lo pela lente da Semiótica Peirceana, buscaremos entender filósofos anteriores que contribuíram para a formação da ideia corpo, seja ofuscando-a ou clareando-a.

O substantivo corpo vem do latim corpus e corporis, que são da mesma família de corpulência e incorporar. Corpus, segundo Dagonnet, sempre designou o cadáver em oposição à alma ou anima. É nessa nomeação grega que identificamos a divisão que atravessou muitos séculos, culturas, e pensadores, desde o pensamento antigo até o século XIX, atravessando o cristianismo, separando o material do mental, o corpo morto e o corpo vivo.

Assim, o pensamento que permeia ao entorno da descrição grega é a de que eu “tenho um corpo” e não de que eu “sou um corpo”, o corpo seria a jaula que aprisiona uma alma.

Tal pensamento nos desagua em Platão (428-348 a.C.), filósofo que concebe o homem como corpo e alma. Em Phaedrus, Platão pontua que a alma se move por si só, e assim, é imortal. Quando coloca imortal refere-se ao mundo das ideias, ou seja, a alma pertence à dimensão do mundo das ideias, aquele que é permanente, universal e que jamais se modifica. Assim, tudo que nele reside escapa a corrosão do tempo, o



desgaste de Cronos, – Deus que mais à frente será introduzido – a mortalidade, alcançado o "divino", o elevado.

Além disso, afirma que a alma tem como essência gerar movimento. Se a alma gera movimento, algo deve ser movido, esse algo é o corpo. O corpo tem a alma como fonte interna de movimento, é animado e, portanto, vivo. No entanto, enquanto a psique (alma) escapa das impetuosas forças do tempo, o corpo não, ele sofre os efeitos da corrosão do tempo, degrada, envelhece e morre.

O corpo ocupa outro plano, não o das ideias, mas sim o mundo sensível, o qual apenas percebemos pelos sentidos, e é mutável, frágil, pois os nossos sentidos nos enganam, nos deixam embriagados impedindo que alcancemos o mundo das ideias, o mundo perfeito.

O corpo é a prisão da alma, as correntes que a impedem de alcançar o mundo das ideias.

Todo sistema judaico-cristão colocava alma num pedestal: imaterial, incorruptível, eterna, amável; uma parcela da divindade e o corpo, em oposição, como carne – “carne ou carnal implicaria em keiro, do grego cortar, destacar, ‘dividir a carne das bestas, os sacrifícios para uma refeição comum’: detestável, corrompida, pecaminosa, corruptível, mortal. Assim, a alma era condutora, mestra do corpo e esse, como morada da alma, totalmente descartável.

René Descartes (1596-1650) tentou se afastar dessa lógica especulativa e aproximar-se das ciências matemáticas e naturais, as quais eram consideradas os domínios da precisão no século XVII. “Descartes propôs a cognição como sendo autorreferencial, não depende de nada que não dela mesma”. Desta forma, o filósofo acabou indicando que a única verdade era aquela aprendida pela mente de forma “clara e distinta”, tornando, assim, a matemática a linguagem da verdade do mundo, já que ao determinar que seus objetos são resultantes de regras determinadas, delimitadas e claras, excluiu a necessidade de uma base empírica.

Assim, a sua teoria ao invés de questionar as teorias anteriores acabou por retificá-las, consolidando a compreensão “de que existe uma essência humana e ela se



localiza numa mente (ou alma, ou espírito) separada do corpo” (GREINER, KATZ, 2001, p.66).

A priori, segundo António Damásio, estabeleceu o binômio, no qual cada um de seus componentes é considerado uma entidade distinta: “a substância corporal, infinitamente indivisível, com volume, com dimensões e com funcionamento mecânico de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e inatingível”, porém, é provido de capacidade de pensamento e de outros processos cognitivos – que interagem por meio de um ponto exato; o corpo pineal (glândula localizada na base do cérebro e na sua linha média) (2012, p.219).

O corpo – res extensa – como extensão temporal e espacial, seria uma carapaça que revestiria a matéria pensante, a mente – res cogitans - como um fantasma que habita uma máquina, guiando-a. O corpo tornou-se o outro do homem, uma máquina a ser habitada por um fantasma; foi objetivado.

O corpo foi transformado em objeto, pois inúmeras funções que já eram atribuídas a mente passaram a ser explicadas mecanicamente no corpo.

A mente foi elevada à um patamar acima do corpo por ter ganhado linhas mais definidas. Como consequência desse pensamento surge a icônica frase “Penso, logo existo”, a qual sugere que pensar e ter consciência de pensar são os verdadeiros substratos de existir.

No entanto, mesmo sendo considerado o carrasco do corpo, há um questionamento interessante, apontado pelo neurocientista Antonio Damásio:

Quando colocamos a afirmação de Descartes no devido contexto, podemos perguntar-nos por um instante se poderá ter significado diferente daquele que lhe estamos atribuindo. Poderia ser vista como o reconhecimento da superioridade da razão e do sentimento consciente, sem nenhum compromisso firme ao que respeita a sua origem, substância ou permanência? É possível. Não poderia a afirmação ter servido também o hábil propósito de aliviar pressões religiosas que Descartes podia sofrer? É possível, mas não podemos saber ao certo. (A inscrição que Descartes escolheu para a sua lápide foi uma citação a que recorreria com frequência: “Bene qui latuit, bene vixit ”, de Tristia, 3.4.25, de Ovídio. Uma renúncia discreta ao dualismo?) (2012, p.219).



Tal incomodo mostra-se válido já que em Descartes trouxe em alguns de seus textos, como pontua o pesquisador João Maria André, no artigo “As Artes do Corpo e o Corpo como Arte”, principalmente nas cartas dirigidas à rainha Elizabeth e o Tratado sobre as paixões da alma, nos quais traz uma concepção de “corpo vivido, sentido, pático ou paciente”. Distanciando-o da ideia de mero instrumento da alma e aproximando-o de um espaço vital das paixões (percepções ou sensações ou excitações da alma, causadas por algo externo), as quais não são meros vícios da natureza humana condenada à corporeidade, mas sim, boas e úteis à vida que a alma não iria querer estar unida ao corpo se não as pudesse sentir.

Porém, isso não exclui a sua separação abissal entre corpo e mente, o seu maior legado que até hoje coloca o corpo numa posição de outro. Para Descartes, tornou-se complexo articular o corpo-máquina com o corpo-sujeito, tanto quanto pensar na união entre o corpo e a alma.

O corpo foi escrito de muitas formas ao longo do tempo e por cada meio, prático ou teórico, para reprimir o corpo como lugar do pecado, novos espaços se abriam, mesmo que tênues, “para o dizer como espaço de criação e de fruição da liberdade e do desejo” (2002, p. 8-9).

Ao ser colocado de lado, o corpo passou a ser desvendado por outras ciências que não se contentaram com o modelo cartesiano. O corpo tornou-se clandestino.

Baruch Espinosa (1632 – 1677) buscou juntar aquilo que Descartes ontologicamente cindiu. Em sua obra “Ética” (1675), discuti a unidade da substância que se opunha ao dualismo corpo e alma. Ao seu ver, corpo era algo singular, existente na ação (GREINER, 2006, p.16.).

A alma não está acima do corpo, como dissera Platão, nem mesmo fora dele, como afirmou Descartes e os dogmas cristãos. Não há uma relação de causalidade e hierarquia, mas sim de expressão e correspondência, o que se passa em um, se passa no outro, cada um de sua própria forma.



Essa junção entre mente e corpo, ao ver de Damásio no livro “Em Busca de Espinosa”, mostra que Espinosa teria tido a intuição da organização anatômica e funcional que o corpo deve assumir para que a mente possa emergir com ele, ou mais precisamente, dentro dele.

O neurocientista aponta que Espinosa, em sua obra *Ética*, parte I, define corpo como “uma quantidade definida com um certo comprimento, uma certa largura, uma certa profundidade, limitada por uma certa forma” ou ainda como “uma certa quantidade de substância com uma sebe à volta”. E como Espinosa ao falar de substância refere-se à natureza, “um corpo é um pedaço de natureza cuja fronteira é a pele”.

O ponto principal é a sua definição de mente: “a ideia do corpo humano”, entenda ideia aqui como representação mental, em suas próprias palavras, “uma concepção mental que é formada pela mente de uma entidade pensante”. Na proposição 23 na parte II, Espinosa afirma: “a mente não tem capacidade de perceber (...) exceto no que se diz a respeito a perceber ideias das modificações (afecções) do corpo”, assim o corpo aparece como constituinte da mente humana.

O seu pensamento filosófico ganha vida em outros pensadores que passaram a desconstruir essa ideia, e a visão de algo suspenso e distante de tudo passou a não depender apenas de si para sua existência; passou a ruir.

É no pensamento sintonizado de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900) e Antonin Artaud (1896 – 1948) que se dá a passagem do século XIX para o XX e a visão de um novo corpo.

Jacques Derrida identificou pontos em comum para propor o que seria esse novo corpo: anarquista, não orgânico, acefálico e vital.

A partir daqui inicia-se uma mudança radical cujo foco cognitivo não estaria mais nas partes organizadas de um todo monolítico, mas sim sempre na fissura, nas fendas, nos entremeios. Tal possibilidade de pesquisa nascia da experiência corporal.

Tanto Nietzsche quanto Artaud questionam a soberania do sujeito e de qualquer outro poder centralizador.



Nietzsche coloca o corpo como fio condutor da vida, já que se caracteriza por uma multiplicidade de forças em constante fluxo e confronto entre afetos, sentimentos, impulsos que se encontram num constante embate, mas que em alguns momentos se conjugam em diversas configurações provisórias, uma tela de Penélope que está eternamente sendo feita, desfeita, refeita e redesfeita.

Os fios da interminável tapeçaria representam a vida, são fios de vida que conflituosamente se entrelaçam e desentrelaçam num processo infinito de transformações e reformulações que implica na morte de algo, no esquecimento para poder recordar e reter. No entanto, ao morrer esse algo deixa rastros no que há por vir.

Não somos objetos, sujeitos, coisas ou entes, somos corpos em sua totalidade e potência: “Tudo é corpo e nada mais; a alma é apenas nome de qualquer coisa do corpo”.

Para Nietzsche, o corpo é a essência do homem.

O corpo é uma razão em ponto grande, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor (...). Instrumento do teu corpo é também a tua razão pequena, a que chamas espírito: um instrumentozinho e um pequeno brinquedo da tua razão grande. Tu dizes “Eu” e orgulhas-te dessa palavra. Porém, maior — coisa que tu não queres crer — é o teu corpo e a tua razão grande. Ele não diz Eu, mas: procede como Eu. O que os sentidos apreciam, o que o espírito conhece, nunca em si tem seu fim; mas os sentidos e o espírito quereriam convencer-te de que são fim de tudo; tão soberbos são. Os sentidos e o espírito são instrumentos e joguetes; por detrás deles se encontra o nosso próprio ser. (...) Sempre escuta e esquadrinha o próprio ser: combina, submete, conquista e destrói” (NIETZSCHE, 2002, p.47).

Assim, se somos uma totalidade de forças que se caminham reagindo aos processos da vida, ou seja, vontade de potência, e não alma ou matéria, ações como pensar, sentir e desejar são atividades do corpo.

Vida é vontade de potência. “(...) Só onde há vida há vontade; não vontade de vida, mas como eu predico, vontade de domínio (...)” (NIETZSCHE, 2002, p. 180). E domínio aparece como poder; busca da superação da catástrofe, da morte, do



aniquilamento. Não somente a luta como forma de preservação do ser, mas uma vontade de ultrapassar, vontade de ser, de consciência, de existência de si mesmo. Nota-se que vida implica em algum movimento, numa mudança de estado, numa passagem de um estado anterior a outro estado.

Solto das amarras cartesianas o corpo pode criar, esse potencial criador será introduzido por meio dos pensamentos de Artaud. O filósofo apresenta o corpo sem órgãos, o qual não é um conceito, mas sim um conjunto de práticas que visavam o abandono dos automatismos e que levavam à uma experiência limite; o corpo pode ser vivo, mas não necessariamente orgânico.

Outro aspecto relevante é que Artaud propõe algo análogo à sentença de Antoine Lavoisier “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Os princípios não são encontrados, nem inventados de um nada. Eles se guardam – armazenam uma noção que por um lado difere por estar no organismo, mas por outro mostra-se um princípio universal – e se comunicam.

Segundo Greiner, Artaud diz:

a respiração que estava no caos torna-se enamorada de seus princípios e já existe antes deste movimento, lá onde nasce um desejo consciente. O que no corpo humano representa a realidade desse sopro, desta respiração, não é a respiração pulmonar, mas um tipo de fome vital mutante, opaca, que percorre os nervos e luta com os princípios inteligentes da mente (GREINER, 2012, p.25).

Mais uma vez é retificado que o corpo é uma rede de forças em constante mudança, móvel e instável, e não de formas. Mas que tem um sentido de unidade, pois nele reside o sentido de multiplicidade, “da possessão de aspectos através dos quais é preciso passar para reduzi-los e destruí-los”. E é aqui que reside o conceito de anarquia. (ARTAUD, 1979, p.45 apud GREINER, 2012, p.25).

Neste ponto, quebraremos a nossa reconstrução cronológica do corpo para entrelaçar ideias, a fim de modelar a nossa concepção de corpo.

O que percebemos até aqui é que não é possível pensar em corpo sem ambiente. E como diz Christine Greiner e Helena Katz (PIMENTA, 199, p.16 apud



2001, p.70), a palavra ambiente vem da montagem entre amphi, que quer dizer em torno de, e ao passar para o latim tornou-se ambos, com o sufixo ente, que vem da língua pré-histórica já extinta, ant indo-europeu, e significa sopro, ou seja, “sopro em torno”. Ambiente significa “tudo que compõe uma coisa”. Interessantemente, cultura vem do indo-europeu kwol, que significava “andar em torno de algo”, sentido etimológico parecido com o de ambiente.

Assim, concluem as pesquisadoras que como o sopro em torno compõe a coisa, a cultura (entendida como produto do em torno) encarna no corpo. Trazendo a ideia de um corpo vivido, e com isso queremos dizer que se busca compreender no gesto da experiência humana, as possibilidades daquilo que foi vivido.

Derrida, anteriormente citado, tem interesse em explorar o discurso acerca do corpo, interrogando-o a partir de uma enunciação da experiência sensorial, motriz e imaginária. Tendo consciência de que muitas vezes há uma restrição advinda das amarras ao próprio discurso. A experiência cria a rede de conexões particulares que é o corpo. O que é conectado nessa rede? Um estado anterior se conecta ao próximo, gerando movimento e a possibilidade da presença de outros estados.

Considerações Finais

Com isso percebemos que nos configuramos como um corpo em constante mudança, múltiplo por ter em si uma infinidade de relações, corpo que se compõe e decompõe, que é poroso por se constituir nas relações com outros corpos e que, pelas afetações, ganha os seus contornos, a sua forma, e que, ao mesmo tempo que está modelado por linhas duras dissolve-se em linhas de fuga.

Trata-se de um processo de comunicação, no qual o corpo é linguagem, é signo, e por isso, corpo-linguagem.

Referências

ANDRÉ, João Maria. **As artes do corpo e o corpo como arte**. Philosophica, Lisboa, n.19/20, p. 7-26, 2002.



DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. eBooksBrasil.com, 2002. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

GREINER, Christine. **Corpo e suas paisagens de risco: dança/performance no Brasil**. Artefilosofia, Ouro Preto, n.7, p. 180-185, out. 2009.

_____. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE (Org.). **CRIAÇÃO, ÉTICA, PA..PA..RÁ.. PA..RA..RÁ..: Modos de criação, processos que desaguam em uma reflexão ética**. Joinville: Pdois Editora, 2012.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Corpo e processo de comunicação**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 71, dez. 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.